



## **Jornalismo literário e jornalismo de soluções: proposta de diálogo para fertilização mútua**

**Edvaldo Pereira Lima** <sup>1</sup>.

Escola de Comunicações e Artes- Universidade de São Paulo.

**Resumo:** O esvaziamento e a perda de identidade que o jornalismo sofre requerem uma revisão interna de seus postulados de sustentação num processo penoso mas vital de autocrítica. Exigem a incorporação de avanços do conhecimento de outras áreas do saber. É particularmente crítica a revisão da crença de que seu principal papel é servir de cão de guarda da democracia. Iniciativas como a do jornalismo de soluções, a do jornalismo construtivo e a do jornalismo positivo são promissoras possibilidades de reposicionamento do jornalismo nesta era em que toda a civilização está em desafiador processo de mudança, frente à cultura disruptiva que se instala. O Jornalismo Literário Avançado é uma proposta que precede essas iniciativas, revelando-se agora como dotado de significativo valor de troca para um diálogo frutífero entre o campo do jornalismo literário como um todo e essas tendências ascendentes.

**Palavras-chave:** jornalismo literário; jornalismo de soluções; jornalismo construtivo; jornalismo positivo; narrativas de transformação.

### **1. Da crise à oportunidade: por um jornalismo sistêmico centrado no futuro imediato**

---

<sup>1</sup> Professor (aposentado) da Universidade de São Paulo. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Toronto. E-mail: ed.pl@terra.com.br

A crise que assola o jornalismo no Brasil e em diversos outros países, associada a um conjunto sistêmico de crises que colocam em questionamento os próprios valores e as bases que alicerçam a civilização contemporânea, provocam necessariamente reflexões que nos levam ao profundo mais entranhado da razão de ser do jornalismo na sociedade. Impulsionam experimentos de transformação indispensáveis, na busca de respostas desse campo de conhecimento e atividade humana às demandas que ferem sua identidade, ameaçam sua existência, como efeito nada confortável da cultura disruptiva que o mundo parece cada vez mais aceleradamente viver. Na agonia desse redemoinho, encontra-se igualmente afetado o jornalismo literário, em si.

Este artigo é uma prospecção reflexiva sobre esse quadro contextual como pano de fundo, porém está centrado na questão específica de apontar uma das direções de resposta do jornalismo ao desafio que se apresenta e da possibilidade do (jornalismo) literário poder contribuir nesse cenário, beneficiando-se, à sua vez, dessa situação que se apresenta.

A crise do jornalismo a que o texto se refere abrange dois aspectos essenciais.

O primeiro é de caráter filosófico. Diz respeito à identidade do jornalismo como um subsistema da sociedade contemporânea, com sua função catalizadora principal definida e endossada pela maior parte da imprensa estabelecida, nas nações ditas democráticas. Essa função principal, que podemos aqui representar de maneira simplificada pelos verbos *informar*, *opinar*, *interpretar*, *orientar*, carrega uma crença intrínseca de que o jornalismo exerce um papel relevante de *cão de guarda* que fiscaliza, critica, investiga e denuncia os erros e mal comportamento de governos, organizações, pessoas e eventuais demais atores do drama social da existência coletiva. Essa é a sua maior contribuição para manter o mundo em funcionamento aceitável e se possível, melhorá-lo. Essa crença enraizada faz com que a maior parte da comunidade jornalística entenda que o melhor do jornalismo para justificar sua existência é colocar o dedo na ferida do lado sombrio dos indivíduos e da banda podre da sociedade.

O segundo é de caráter negocial, pelo menos no que diz respeito à grande imprensa. No Brasil e em todo o mundo, parece predominar o fenômeno da perda de leitores – e

de audiência, para os veículos não impressos – há um bom tempo, provocado por mudanças comportamentais, culturais e tecnológicas. O público parece ler cada vez menos, tendo parte do contingente se bandeado para a televisão, no passado recente. As gerações ultrajovens, se podemos brincar um pouco com as expressões, até mesmo a televisão têm abandonado, parece, em favor dos computadores, dos androides, dos celulares inteligentes e seus aplicativos cada vez mais ousados e sedutores.

Na esteira desse segundo aspecto, cresce disruptivamente o fenômeno da proliferação absurdamente fértil de novos meios e veículos de comunicação de massa no território das mídias sociais, multiplicam-se as explosões de *fake news* – produzidas até mesmo por robôs tecnológicos -, derramam-se por todos os lados os *blogueiros*, *influencers* e *youtubers*. Tudo isso tem desprezado a intermediação da distribuição de informação social, via notícia, que parecia ser até há pouco reserva de mercado do jornalismo.

Ambos aspectos estão intimamente interligados, por certo, e mais ainda, ambos entrelaçados a mudanças em curso, em alta velocidade, nos alicerces de entendimento do mundo e de interação com ele que o atual ciclo civilizatório estabeleceu. A configuração do mundo, tal qual o conhecemos neste hoje contemporâneo de forte influência europeia e nesta larga faixa temporal de longa duração que nos marca desde a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo ao centro do poder – explícito ou oculto – das nações, está baseada em modelos mentais de compreensão – os paradigmas da ciência – que há algumas décadas vem sendo corroídos pela descoberta dos seus vieses limitantes, assim como pela ascensão de outras formas de ação radicalmente diferentes das que estão estabelecidas.

Um dos desvirtuamentos que esse conjunto de paradigmas predominantes trouxe é a fragmentação da realidade em áreas especializadas, de conhecimento exclusivo. Implícito a isso, encontra-se uma visão de mundo linear, rasa, simplista. Mas está se descobrindo que as abordagens dessa natureza são insuficientes – quando não penosas ou mesmo nocivas – para se lidar com as questões atuais de mudança em curso. Essas exigem um olhar múltiplo e ações integradas, através de instrumentos multidisciplinares, ou melhor ainda transdisciplinares – quando os saberes da ciência, da filosofia, das artes e das tradições se unem -, pois em verdade o mundo é complexo (fatores, condições, situações múltiplas estão em interação dinâmica o tempo todo), não simplista. As

dimensões sutis da existência – como a psique, o mundo interno das pessoas, no comportamento humano – fazem parte ativa desse fermento criador de realidades que nos proporciona a vida e as sociedades. Não é só a parte supostamente lógica – o pensamento, no ser humano - do conhecer que nos faz agir e responder aos desafios.

E isso com o jornalismo, e com a crise sublinhada neste artigo?

Já há algum tempo, se sabe, o jornalismo está perdendo leitores, telespectadores, ouvintes – e supostamente visitantes, nas mídias digitais – por um desvio vicioso de se exagerar na cobertura de temas considerados negativos. Até o Papa Francisco já demonstrou preocupação pelo excessivo foco da mídia em “más notícias”, incluindo aí “guerras, terrorismo, escândalos e toda sorte de falhas humanas”, apelando para que se “quebre o círculo vicioso da ansiedade e do espiral de medo que resultam do foco constante em más notícias” e para que se pratique uma “comunicação construtiva”.<sup>1</sup>

Pesquisas inúmeras têm demonstrado, nos Estados Unidos e na Europa, como a exposição contínua a conteúdos negativos afasta os receptores das mensagens jornalísticas. Ao contrário do que muitos de nós, jornalistas, acham, que a matéria negativa necessariamente ajuda o mundo a melhorar, pela indignação ou pelo alerta que causa na pessoa, pesquisas mostram que na maioria dos casos o excesso de conteúdo negativo causa no indivíduo depressão, desânimo, apatia, sensação de impotência diante de um mundo visto como cruel, insensível, caótico. Resultado: o público abandona o jornalismo.

Não se trata aqui de não se reconhecer o caráter nobre do jornalismo que aborda questões indigestas, trágicas, horripilantes. Essa função é necessária e tem o seu lugar de honra. Mas o excesso e a vulgarização é que são o problema. E por quê? Porque só a exposição dos aspectos negativos é insuficiente, raramente contribui para a transformação na qual o jornalista e o veículo bem-intencionados apostam. Porque o público, mostram pesquisas europeias e na América do Norte, não se contenta com a abordagem que se limita a denunciar um escândalo ou a expor um problema que parece sem solução. O público quer matérias que mostrem soluções, mesmo que – e preferencialmente – a narrativa tenha uma parte que contempla os aspectos negativos.

Pensando neste problema e localizando o jornalismo literário nesse cenário, é que há muito tempo desenvolvi a proposta conceitual do Jornalismo Literário Avançado, acres-

centando instrumentos e suporte teórico ao ótimo legado que temos em operação do jornalismo literário, acrescentando-lhe instrumento e fôlego para caminhar mais alguns passos, tendo como premissa a proposta de se abordar problemas no trajeto narrativo, sim, mas se avançar para as soluções. Propus que o jornalismo literário incorpore princípios e recursos que procedem de novos paradigmas da ciência de vanguarda, e que possibilitam abrir uma nova e transformadora perspectiva de entendimento da realidade. Inspiram de fato, mais além, ao indivíduo participar cocriativamente da geração da realidade possível, a sua, a da sociedade.

Formulei e distribuí à comunidade especializada essa proposta por meio de material produzido, como no meu livro **Páginas Ampliadas – O Livro-Reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura – Jornalismo Literário** e nos meus artigos **Jornalismo Literário e Comunicação Transformativa**, e **Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI** (artigos 1 e 2). A proposta transporta a ideia da produção do que denomino “narrativas de transformação”, empregando a ótima tecnologia narrativa desenvolvida pelo jornalismo literário ao longo do tempo.

Mais recentemente, tive o prazer de pesquisar o desenvolvimento de tendências que despontaram na América do Norte e na Europa em torno de propostas que sugerem exatamente isso. Um jornalismo voltado ao futuro, proativo, e não preso ao passado, reativo, submisso e passivo aos acontecimentos já cristalizados, como agora. Um jornalismo que avance pelos problemas, mas chegue às soluções, quando é o caso. Um jornalismo que traga ao receptor esperança e inspiração real, sem deixar de expor o que for indispensável exibir do lado escuro da alma humana ou fétido da sociedade. Um jornalismo que dê vozes aos que contemplam e realizam ações transformadoras no mundo. Um jornalismo que valoriza e ressignifica a contribuição real e efetiva do meio para a melhoria do mundo e a dignificação do ser humano. Um jornalismo que não fica restrito a mostrar erroneamente e de maneira enviesada, preconceituosamente, apenas o lado negativo de uma história a ser contada. Pesquisas já mostraram o viés reducionista de matérias que distorciam a realidade, pelo vício de se enxergar apenas o lado negativo, em histórias que na sua realidade orgânica, verdadeira, transportava aspectos positivos ignorados pelos autores.

Estão surgindo propostas com nomes distintos e particularidades específicas, mas todas tendo um elo em comum dessa busca proativa de uma visão integrada da realidade. Jornalismo de soluções, jornalismo positivo, jornalismo construtivo.

Trabalhos acadêmicos de nível e pesquisas têm sido realizados, nos Estados Unidos e na Europa, comprovando, por exemplo, essa questão do dissabor do leitor para com matérias negativas, e de prazer e engajamento, ao contrário, com matérias positivas. Universidades têm começado a dar espaço ao tema nos seus cursos de jornalismo. Instituições não acadêmicas têm sido criadas para fomentar essa cultura.

Profissionais interessados têm se reunido em redes digitais, como na Solutions Journalism Network - <https://www.solutionsjournalism.org> – e no Constructive Journalism Project - <https://www.constructivejournalism.org> – para apoio mútuo no fomento cultural dessas novas modalidades.

Veículos novos, digitais – como **De Correspondent** na Holanda - têm abraçado a proposta, assim como veículos tradicionais, tais como **The Seattle Times** e **The New York Times** nos Estados Unidos. **The Christian Science Monitor**, que segue o preceito da fundadora Mary Baker Eddy, de que o jornal “não deve ferir um único homem, mas sim abençoar toda a humanidade”, mantém uma seção, *The Action*, responsável não exatamente por matérias que mostram soluções para problemas, mas sim que reportem o progresso de ações sociais voltadas à conquista de soluções, como a inclusão das camadas mais pobres no avanço da energia solar nos Estados Unidos, ou a reforma da educação feminina no Afeganistão. **The Guardian**, na Inglaterra, por sua vez, abriu inclusive um suplemento para praticar exclusivamente esse jornalismo, **The Upside**.

Dos muitos pioneiros desse campo, destaco Ulrik Haagerup, autor de **Constructive News** e diretor do Constructive Institute na Universidade de Aarhus (Dinamarca), e Cathrine Gyldensted, que trouxe elementos da psicologia positiva para o jornalismo, num Mestrado na Universidade da Pensilvânia.

Haagerup, extraindo dados de uma pesquisa de 2014 que constatou um volume assustador de pautas de temas negativos em emissoras de televisão como a CBS norte-americana, a BBC inglesa e a ARD alemã – conflito do Oriente Médio, guerras, terrorismo, abuso infantil, assassinatos, enfermidades, acidentes - e se referindo a outra pesquisa de 2011 que comprova a “fadiga de jornalismo” que atinge uma boa parte do pú-

blico na Dinamarca, do qual 83% pede matérias inspiradoras de soluções para os problemas do mundo, enfatiza igualmente o cinismo da imprensa em criar uma falsa visão da realidade, pelo seu vício de olhar predominantemente para o lado negativista das coisas.

Cita a famosa âncora da CNN Christiane Amanpour como tradução clara das implicações de tudo isso para o futuro do jornalismo:

Precisamos continuar a pensar no que fazemos e em como queremos continuar a sermos relevantes todos os dias...

Precisamos encontrar o equilíbrio entre culpamos os governos e todos em autoridade sem deslizarmos para o outro lado e sem criarmos a falsa premissa de que todos os governos, todas as autoridades, todos os eleitos são de algum modo corruptos, criminosos de guerra e tudo o mais. Agindo assim, arriscamos erodir ainda mais a sociedade civil, por aderirmos à noção pública de que toda forma de autoridade é inútil, imprestável e disfuncional. (HAAGERUP, s/d, p. 19).

O autor vale-se igualmente de seu compatriota Erik Rasmussen, veterano jornalista dinamarquês, para ampliar o pensamento sobre as implicações desse estado de coisas para o jornalismo:

Se a mídia, especialmente a jornalística, acredita ter responsabilidade de pela democracia e acredita ser um de seus pilares, é agora que precisa provar isso, revitalizando seu próprio papel. Se não, destrói sua importância e arrisca uma crítica justa por enfraquecer, e não fortalecer a democracia... Vemos jornais em todo o Ocidente perder circulação e tentar cortar custos, mas a causa não é apenas a competição da mídia digital. A razão principal é que as organizações jornalísticas não redefiniram a tempo sua missão e responsabilidade. Assim como não é estratégico continuar a cortar custos, o futuro não é um novo modelo financeiro na internet. A solução é uma mudança séria de foco. O problema não é a mídia em si, ou a mudança na circulação das notícias. O problema é quando o conteúdo se torna inútil. (HAAGERUP, s/d, p. 20).

O que o jornalismo construtivo oferece de resposta ao tremendo desafio implícito nessas análises críticas? Haagerup sintetiza a essência da proposta:

O público está mudando. É agora mais volátil e mais crítico, ao mesmo tempo. O público quer saber o que é importante para ele. Quer entender o contexto e porque os eventos acontecem. Por que as pessoas se comportam do modo que se comportam?

O jornalismo construtivo é um novo modo de pensar, um modo de pautar questões que a sociedade enfrenta com matérias inspiradoras, investigando soluções e resoluções, mais isso do que focar apenas nos problemas e nos traumas. O público quer saber por quais critérios a mídia se compromete com jornalismo de qualidade, o que significam as notícias, quais são nossos valores? O jornalismo construtivo é uma resposta à questão de porque o jornalismo de qualidade importa à sociedade. Dá a nossas notícias um propósito claro.

O jornalismo construtivo torna as matérias mais significativas e detalhadas, fazendo o público se sentir empoderado para discutir e compartilhar conteúdo e talvez até mesmo se envolver diretamente nas suas questões das suas comunidades.

O jornalismo construtivo agrega valor para o jornalismo e o ajuda a ser único e diferenciado. (HAAGERUP, s/d, p. 132).

Para atingir os objetivos a que se propõem o jornalismo construtivo e o jornalismo de soluções, essas novas abordagens precisam de instrumentos eficazes para traduzir o ideal em ação. A Dissertação de Mestrado de Cathrine Gyldensted, possivelmente a primeira na comunidade acadêmica a buscar proativamente a importação de conhecimento aplicado para essas duas correntes, construiu-se como um experimento com 710 participantes para mensurar efetivamente o efeito emocional das matérias negativas e de matérias construídas com elementos da psicologia positiva.

A pesquisadora expressou, no *abstract* de seu trabalho, que os resultados “comprovaram o impacto prejudicial das matérias escritas em estilo tradicional e sugerem que podem ser necessárias múltiplas matérias positivas para contrabalançar o impacto emocional de uma única matéria negativa”. Bateu na tecla de que de fato muito do conteúdo jornalístico promove um modelo doentio do funcionamento humano e afeta negativamente o pleno desenvolvimento da pessoa. Mas ressaltou o efeito promissor da aplicação de princípios dessa linha da psicologia como gerador de atitudes empoderadoras de estados mentais e emocionais transformadores.



Enquanto o jornalismo construtivo parece absorver e assimilar melhor conhecimentos vindos de áreas do saber mais distantes da tradição jornalística, revelando-se portanto mais futurista, vanguardeiro e holístico, no sentido sistêmico, a corrente do jornalismo de soluções parece mais cauteloso, alicerçado num pensamento mais concreto e menos quântico.

As soluções a que se refere nas matérias têm de ser obrigatoriamente soluções implementadas e testadas na sociedade. É um jornalismo um pouco menos ousado, e menos proativo, aparentemente.

As sugestões operacionais que a Solutions Journalism Network dá para a prática da modalidade são uma pista da mentalidade que direciona essa vertente. O mapa-guia da entidade sugere que o praticante interessado deve considerar as seguintes questões, na sua matéria:

A matéria aponta a causa de um problema social? Apresenta uma solução associada ao problema? Entra no mérito da solução do problema e detalha sua implementação? O processo de solução é central, na narrativa? Apresenta evidência de resultados associados à solução? Explica as limitações da solução? Traz uma lição ou uma inspiração válida?

De qualquer modo, tanto o jornalismo construtivo quanto o de soluções parecem se configurar como contribuições renovadoras da atividade jornalística e mapas propostos para a transformação do modelo atual. São desenhos de um possível jornalismo do futuro.

O jornalismo literário?

Penso que a tecnologia narrativa do jornalismo literário pode ser aplicada a matérias do jornalismo construtivo e do jornalismo de soluções, enriquecendo em muito a qualidade narrativa do que essas novas modalidades jornalísticas podem fazer. Penso

que o Jornalismo Literário Avançado pode contribuir para ampliar ainda mais o escopo dessas propostas. E penso que podemos fertilizar aspectos do jornalismo literário com a incorporação de princípios ou procedimentos dessas outras propostas que talvez ainda não tenhamos contemplado. O enriquecimento potencial mútuo de todas essas frentes é promissor, numa renovação muito bem-vinda, face aos desafios de mudança global da civilização atual e de todos os seus campos de conhecimento e ação, o jornalismo incluído.

Vislumbro um grande ponto em comum entre todas essas frentes. São narrativas centradas de fato na pessoa humana. Refiro-me tanto aos personagens reais das narrativas, quanto aos receptores das mensagens.

Nesse aspecto, a tradição do jornalismo literário tem muito a contribuir para esse diálogo. Sua contribuição ultrapassa assim apenas o aspecto da tecnologia narrativa e de pesquisa e levantamento amplamente comprovada e renovada ao longo do tempo. A nossa arte de lidar com os mais distintos gêneros narrativos centrados na pessoa, o nosso know how de fazermos levantamentos através de distintos procedimentos, como a entrevista de compreensão e a observação participante, são pérolas preciosas para um diálogo frutífero.

Mas há que se disparar um processo de ampliação do conhecimento mútuo entre essas correntes e propostas, para benefício do avanço e desenvolvimento contínuo de todas elas. Há que se abrir e ampliar o diálogo.

Eis aí um campo de pesquisas que vale definitivamente ser explorado.

## Referências

<sup>1</sup> *Pope Francis calls on media to end 'constant focus on bad news'*. Religion News. Acesso em 24 de julho de 2019.

<https://religionnews.com/2017/01/24/pope-francis-calls-on-media-to-end-constant-focus-on-bad-news/>

GYLDESNTED, Cathrine. *Innovating News Journalism through Positive Psychology*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Pensilvania, 2011.

HAAGERUP, Ulrik. **Constructive News**. Bonn: InnoVatio Publishing, s/d.

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo literário e comunicação transformativa. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 3, p.872-893, 2018.

\_\_\_\_\_. Memória do futuro: Jornalismo literário avançado no século XXI – 1. **Inovcom**, v. 5, n. 2 p. 68-78, 2013.

\_\_\_\_\_. Memória do futuro: jornalismo literário avançado no século XXI – 2. **Inovcom**, v. 6, n. 1, p. 12-23, 2014.

\_\_\_\_\_. **Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura – Jornalismo Literário**. São Paulo: Manole, 4ª edição, 2009.